

KATANA



RODRIGO MARTINS

KATANA

Sumário

BACKGROUND.....3

CAPÍTULO 1 10

CAPÍTULO 2.....29

CAPÍTULO 3.....46

Agradecimentos..... 60

BACKGROUND

1575, Vila de Yonezawa

A tempestade que assolava a vila de Yonezawa era um espetáculo de fúria incontável. O céu, coberto por nuvens carregadas e negras como breu, parecia pulsar com a energia de relâmpagos que cortavam o firmamento. As gotas de chuva caíam pesadas e implacáveis, martelando os telhados de palha com uma violência quase sagrada. O vento uivava com um lamento ensurdecedor, como se espíritos atormentados estivessem fazendo sua última oração.

Dentro de uma modesta casa de madeira, o caos da tempestade era sobreposto pelos gritos angustiados de uma mulher em trabalho de parto. Mayumi, a parturiente, estava em um estado de exaustão quase delirante. Seus cabelos estavam colados ao rosto pela mistura de suor e lágrimas, e seus olhos brilhavam com um medo profundo. As parteiras, experientes e de mãos calejadas, trabalhavam com precisão, oferecendo palavras de encorajamento e apoio.

| KATANA

O ambiente estava repleto de uma tensão palpável. O ar estava saturado de umidade e calor, criando uma sensação opressiva. Mayumi deu um último grito de esforço e o choro de um bebê preencheu o espaço. O som pequeno e frágil contrastava com a tempestade lá fora, trazendo um raio de esperança e alívio.

Mayumi, tremendo de cansaço, ergueu o bebê em seus braços, examinando o pequeno rosto que agora dependia dela. A pequena criatura tinha a pele rosada e olhos que piscavam com uma curiosidade inocente. Mayumi sorriu através de suas lágrimas e sussurrou com um tom de reverência:

— Takeshi... — O nome parecia carregar o peso de uma profecia antiga. Ela sabia que o futuro era incerto e que a vida de seu filho seria marcada por desafios.

Dois Anos Depois

A vida na vila seguiu seu curso, com a rotina de Mayumi e Akira moldando um semblante de normalidade. Akira, um caçador robusto com o rosto marcado por cicatrizes e um olhar gentil, trouxera não apenas segurança, mas um tipo de estabilidade que parecia um oásis em meio às incertezas. O nascimento de Ishidoro trouxe um novo brilho para a família, e Takeshi e Ishidoro cresceram em um ambiente de carinho e aprendizado. Juntos, os irmãos acompanhavam Akira nas incursões pelas densas florestas ao redor de Yonezawa. As manhãs eram preenchidas pelo som dos pássaros e pelas lições sobre as artes da caça e da sobrevivência. Akira ensinava com paciência, transmitindo seu conhecimento de rastreamento e estratégia, enquanto Mayumi se dedicava a vender peles e carnes, garantindo que a família não passasse dificuldades.

No entanto, Takeshi, apesar da rotina aparentemente tranquila, percebia algo nas entrelinhas. O olhar de sua mãe, às vezes perdido e assustado quando passavam pela vila, não passava despercebido. Era como se um mistério sombrio pairasse sobre a família, um sentimento que Takeshi, mesmo tão jovem, não conseguia entender completamente.

Com sete anos, Takeshi havia se tornado um jovem curioso e ávido por aprender. Naquela noite, a lua estava escondida atrás de nuvens pesadas e o vento soprava com uma inquietante serenidade. Takeshi acompanhava Akira em uma caçada sob a luz tênue dos lanternas, absorvendo cada lição com um fervor que ia além da mera imitação.

Enquanto retornavam para a vila, Takeshi percebeu algo inquietante à distância. Duas sombras furtivas saíam de sua casa, os contornos indistintos sob o brilho escasso da lua. Akira, com uma expressão grave e preocupada, mandou Takeshi se esconder atrás de uma mureta de pedra. O medo no olhar de Akira era um presságio que Takeshi não conseguia ignorar.

Escondido, Takeshi viu os homens em armaduras intimidantes, com uma aura de crueldade quase palpável. Um deles empunhava uma espada coberta de sangue, e o outro parecia comandar a operação com um gesto de desdém. O grito de Akira, um som cortante de dor e desespero, ecoou na noite. Takeshi ficou paralisado, o horror e a impotência o congelaram em seu esconderijo.

| KATANA

Quando o silêncio finalmente se estabeleceu, Takeshi emergiu para encontrar sua casa em ruínas. O cenário era de devastação total: móveis virados, roupas rasgadas, e um caos inumano. Os corpos de sua mãe, irmão e Akira estavam espalhados pela floresta próxima, encontrados por Takeshi com um pesar profundo. Entre as árvores, ele ouviu um dos assassinos mencionar o nome "Uesugi" e "senhor feudal" com uma voz que exalava desprezo.

A raiva tomou conta de Takeshi, e ele fez um voto silencioso de vingança. A memória de sua família e a injustiça que enfrentaram se fundiram em um desejo inabalável de justiça.

1585, Montanhas de Tangedai

Três anos se passaram e Takeshi, agora com dez anos, havia se transformado em uma sombra das montanhas. A solidão e o treinamento implacável o moldaram em um jovem endurecido pela vida. O ambiente ao seu redor estava repleto de uma tranquilidade sinistra, a única companhia de Takeshi eram os ventos e o som distante da vida selvagem.

Em um dia especialmente frio, Takeshi ouviu gritos e o som de espadas se chocando. Seu instinto o levou a uma clareira onde cinco homens estavam mortos, o cenário de uma batalha brutal. Em meio aos corpos, um homem ainda respirava, seu corpo coberto de ferimentos e seu semblante iluminado por uma fúria insana. O homem, com um braço decepado e um sorriso enigmático, ergueu uma katana de forma imponente.

O homem era Itō Ittōsai, uma lenda viva do mundo dos samurais. Seu olhar penetrante encontrou o de Takeshi, e, apesar da gravidade de sua situação, ele viu algo no garoto — uma determinação crua e um desejo ardente que o intrigaram.

— Você... — começou Takeshi, a voz rouca e decidida. — Quem são esses homens?

| KATANA

— Guerrilheiros, simples caça para um samurai como eu — respondeu Itō Ittōsai, sua voz carregada de um respeito implícito.

— E você? O que o traz a essas montanhas solitárias?

— Vingança — disse Takeshi, sem hesitar. — Desejo me tornar forte o suficiente para enfrentar aqueles que destruíram minha vida.

Itō Ittōsai, vendo o brilho intenso nos olhos de Takeshi e percebendo a necessidade de um discípulo, fez uma escolha. Com um gesto lento e calculado, ofereceu a Takeshi a chance de se tornar seu aluno, ensinando-o o "Caminho da Espada". Takeshi aceitou com um fervor que era quase palpável, a promessa de treinamento e poder ressoando em cada fibra de seu ser.

CAPÍTULO 1

1600, Capital Edo

A capital Edo pulsava com uma vitalidade frenética, suas ruas apertadas e sinuosas entrelaçadas com o ritmo incessante de mercadores, samurais e camponeses. No epicentro desse turbilhão urbano, um bar popular estava envolto em um caos quase palpável. O som de uma briga, implacável e crescente, dominava o ambiente. Então, com um estrondo, dois homens foram arremessados para fora do bar, caindo pesadamente sobre a rua lamacenta. Eles se levantaram rapidamente, suas katanas reluzindo sob a luz bruxuleante das lanternas, e seus olhos brilhando com uma fúria palpável.

Do interior do bar, emergiu um homem idoso, sua postura ereta e o semblante imperturbável. Suas risadas ecoavam sobre o silêncio que se seguiu ao tumulto.

— Como posso fazer essas escórias cessarem de me desafiar? — disse o homem com desdém. — Vocês são uma afronta ao verdadeiro espírito do samurai. Rōnins como vocês não deveriam

| KATANA

existir. Vou prestar um favor ao xogum e erradicar essas pragas indignas!

Um dos rônins, com um olhar feroz e um toque de desprezo, retrucou:

— Como podemos perder para um homem sem um braço?

Do bar, uma voz jovem e firme cortou o ar:

— Esse homem de um braço é capaz de derrotar muitos mais fortes do que vocês. Parem de tentar fazer nomes às custas dos verdadeiros samurais e voltem ao trabalho. Covardes como vocês não merecem o título de rônin.

Os rônins se entreolharam, seus rostos pálidos de medo. Guardaram suas katanas e fugiram apressadamente, deixando o lugar mergulhado em um silêncio denso.

O homem idoso se voltou para o jovem ao seu lado, um sorriso de cínica satisfação em seu rosto.

— E então, meu jovem, por que impediu que os desafiassem? Seu coração está amolecendo?

O jovem, cansado e com um tom de exaustão, respondeu:

| KATANA

— Estamos deixando um rastro de sangue por onde passamos. Viajamos por todo o Japão, trabalhamos para senhores feudais e solidificamos seu nome. Mas matar esses desafiadores inconsequentes não é mais o nosso objetivo.

O idoso, com um olhar contemplativo, continuou:

— Talvez seja a hora de minha jornada chegar ao fim. Já não tenho a mesma vitalidade que antes. Estava pensando em reunir nossos ganhos e abrir uma escola aqui em Edo...

O jovem olhou intrigado.

— Então você deseja novos aprendizes?

— Quero construir uma reputação inabalável. Abrir uma escola na capital faria meu nome ecoar por gerações. Todos saberão dos meus feitos, e meu nome será digno de louvor. Além disso, já lhe ensinei tudo o que sei. Você dominou o estilo Ittō-ryu com maestria...

O jovem suspirou, perdido em pensamentos enquanto o velho prosseguia:

— Então, como planeja proceder agora? Vai me acompanhar nessa nova empreitada?

— Agradeço imensamente, mestre, por tudo o que fez por mim. No entanto, acredito que meu caminho deve ser diferente do seu. Não busco a fama, mas tenho minhas próprias ambições. Espero que o nome de Itō Ittōsai ganhe ainda mais notoriedade, e terei orgulho em dizer que você foi meu mestre — respondeu o jovem com uma determinação firme.

— Esperava tê-lo como meu sucessor. Será difícil encontrar outro jovem perdido na floresta como você. Mas, ainda pensa na sua vingança? — perguntou Itō Ittōsai, sua expressão carregada de preocupação.

— Não, senhor. Partirei em uma jornada para me aprimorar em todos os aspectos e buscar meu verdadeiro destino — respondeu o jovem com convicção.

— Espero vê-lo novamente um dia, e que você tenha encontrado seu destino. Mas, por agora, irei explorar as florestas do Japão para encontrar outro jovem como você... Takeshi — disse Itō Ittōsai com um sorriso afetuoso.

Ambos riram e se despediram com uma emoção palpável. Takeshi sabia que seu caminho estava apenas começando. As palavras de seu mestre reverberavam em sua mente, mas a vingança ainda estava profundamente enraizada em seus pensamentos.

As ruas de Edo continuavam a vibrar com energia. Mercadores gritavam suas ofertas, samurais patrulhavam com um olhar vigilante, e crianças corriam despreocupadas. Mas Takeshi, alheio ao frenesi ao seu redor, caminhava com o peso das memórias do passado e o desejo de vingança pesando sobre ele. Ele seguia o 'Caminho da Espada' não apenas por disciplina, mas para encontrar respostas: quem havia assassinado sua família e por quê.

Enquanto se aventurava pelas ruas, a agitação aumentou. Samurais do xogum revistavam estabelecimentos, gerando alvoroço e medo entre os cidadãos.

— O que será que estão procurando agora? — murmurou Takeshi, observando a confusão com uma expressão de preocupação.

Decidido a encontrar um refúgio da agitação, ele se dirigiu às margens da cidade, onde a tranquilidade da natureza oferecia um breve alívio do caos urbano. Lá, encontrou uma grande pedra à beira de um riacho e se sentou, permitindo-se um momento de

| KATANA

reflexão. Os nomes "Uesugi" e "senhor feudal" ecoavam em sua mente. Com o tempo, ele descobriu que o senhor feudal de Yonezawa era Uesugi Kagekatsu, um homem respeitado e temido. Mas seria ele o responsável pela morte de sua família?

Enquanto estava imerso em seus pensamentos, uma voz fraca interrompeu seu luto.

— Vo... Você deve...

Takeshi virou-se rapidamente e viu um jovem gravemente ferido, com sangue escorrendo de feridas profundas no estômago e nas pernas. O jovem tentava se esconder, sua katana adornada à vista.

— O que aconteceu com você? — Takeshi perguntou, apressando-se para ajudar.

— Você deve levar... — tentou o jovem responder antes de desabar ao lado da pedra.

— Então você é um ladrão? Perdeu sua vida tentando roubar uma katana? — Takeshi questionou, pegando a espada e examinando-a. — É você quem os samurais estão procurando? Deve ter roubado de alguém muito importante para o xogum estar atrás de você.

| KATANA

O jovem, com a respiração cada vez mais fraca, fez um último esforço para falar:

— Katana... Uesugi... Leve...

E com essas palavras, o jovem sucumbiu aos ferimentos. Takeshi ficou perplexo e confuso, as últimas palavras ecoando em sua mente. Uesugi, o mesmo nome que tanto lhe interessava, o nome ligado ao seu passado sombrio.

Takeshi segurou a katana com firmeza, seus olhos brilhando com uma nova determinação. A conexão entre a katana, o jovem e o clã Uesugi precisava ser desvendada. Sabia que seu caminho estava prestes a se tornar ainda mais perigoso, mas a busca pela verdade e pela vingança nunca foram tão claras.

— Uesugi... — murmurou para si mesmo, levantando-se e guardando a katana. — Vamos ver aonde isso nos leva.

O sol poente lançava seus últimos raios sobre Edo, banhando a cidade com um brilho dourado. Takeshi estava fascinado pela katana que tinha em mãos. A bainha era adornada com um dragão vermelho, suas escamas detalhadas pareciam quase reais à luz do sol. A empunhadura, intrincadamente decorada, capturava e refletia cada raio de luz, conferindo à arma uma aura quase mística.

| KATANA

Quando Takeshi retirou a bainha, a lâmina revelou-se de um metal vermelho profundo, uma visão de tirar o fôlego.

— Que arma magnífica... — murmurou Takeshi, maravilhado. — Então é por isso que o xogum a deseja tanto.

Enquanto admirava a espada, um samurai do xogum surgiu, interrompendo sua contemplação. O homem tinha uma postura autoritária, sua armadura brilhando com emblemas de prestígio.

— Largue essa arma, plebeu. Ela pertence ao grande xogum Tokugawa Ieyasu — ordenou o samurai, sua voz carregada de desdém.

Takeshi levantou os olhos, seus pensamentos ainda girando em torno das conexões que a espada poderia ter com os Uesugi.

— Você sabe o que essa espada tem a ver com os Uesugi? — perguntou, seus olhos fixos no samurai.

— Eu só sei que isso não tem nada a ver com você! Passe-me a katana e eu deixarei você ir impune. Você realmente não deseja desafiar o grande Asano Nagamoto — declarou o samurai, sacando sua própria katana com um movimento fluido e ameaçador.

| KATANA

O coração de Takeshi acelerou, a visão do samurai à sua frente evocando memórias dolorosas dos assassinos que devastaram sua família. As armaduras imponentes, o brilho metálico e a presença ameaçadora de Asano Nagamoto eram reminiscências de um passado sombrio e repleto de vingança.

A fúria ardente que Takeshi sentia era uma chama que nunca realmente se extinguiu. Cada vez que enfrentava um inimigo, as cicatrizes de seu passado queimavam ainda mais intensamente.

— Não... Eu não vou entregar essa espada. — disse Takeshi, sua voz carregada de uma determinação firme, como uma rocha inamovível.

Sem hesitar, Takeshi avançou com uma velocidade quase sobrenatural, a katana vermelha cintilando nas mãos. Seus movimentos eram rápidos e precisos, como um relâmpago rasgando a noite. Asano Nagamoto, apesar de sua habilidade e experiência, mal teve tempo de reagir. As lâminas se chocaram com um estrondo, faíscas voando no ar como fogos de artifício.

Os dois guerreiros estavam trancados em um combate feroz, cada golpe e contragolpe reverberando como trovões. A katana

| KATANA

vermelha em mãos de Takeshi parecia quase viva, cortando o ar com um brilho ameaçador e refletindo a luz do pôr-do-sol.

— Essa espada... — pensou Takeshi enquanto lutava, sentindo a conexão quase mística entre ele e a lâmina. — Talvez seja a chave para minha vingança.

Nagamoto, percebendo a pressão e a habilidade superior de Takeshi, tentou um ataque desesperado. Sua katana cortou o ar com uma força brutal, mas Takeshi, guiado por uma precisão instintiva, foi mais rápido. Com um movimento fluido e calculado, desarmou o samurai. A katana vermelha cortou o ar com um zumbido mortal, e Nagamoto caiu de joelhos, sua arma lançada para longe.

— Por favor... tenha piedade... — implorou Nagamoto, seu rosto uma máscara de medo e desespero, seus olhos refletindo a luz das chamas próximas.

Takeshi, ainda ofegante e com o olhar fixo no samurai caído, sentiu a fúria lentamente se transformar em um olhar frio e decidido. A raiva que sentia por Nagamoto e pelos assassinos de sua família estava agora cristalizada em sua determinação.

| KATANA

— Piedade? Assim como vocês tiveram com minha família? — disse Takeshi, sua voz carregada de um tom sombrio e implacável.

Nagamoto começou a articular palavras desesperadas, mas Takeshi não estava interessado em ouvir. Com um movimento final, ele silenciou o samurai. A lâmina vermelha brilhou sob a luz do pôr-do-sol, refletindo o brilho intenso do momento.

Com o coração ainda batendo forte, Takeshi limpou a lâmina e a guardou. Ele sabia que essa vitória era apenas um pequeno passo em sua longa jornada. Com a espada agora em sua posse, ele sentia que estava um passo mais próximo de desvendar o mistério e alcançar sua vingança.

Depois de uma longa jornada, Takeshi chegou à vila de Utsunomiya, exausto e faminto. Ele encontrou refúgio em uma pequena pousada, onde, apesar da exaustão, conseguiu pegar no sono. No entanto, o barulho crescente vindo do andar inferior o despertou no meio da noite.

Silenciosamente, desceu as escadas e viu três rônins, claramente à procura de alguém com suas características. Eles estavam conversando em voz baixa, suas expressões carregadas de determinação e um toque de medo.

| KATANA

— Eles estão atrás de mim... — pensou Takeshi, seu coração acelerando com a adrenalina.

Sem perder tempo, ele voltou para o quarto, pegou suas coisas e saltou pela janela. A madrugada estava envolta em escuridão, uma neblina espessa pairava sobre a vila. Amarrado ao lado da pousada, um cavalo estava esperando. Sem hesitar, Takeshi roubou o cavalo e partiu em direção a Yonezawa.

Mas o destino não era gentil. De repente, uma chuva de flechas disparou dos arbustos ao redor, perfurando a coxa do cavalo e fazendo-o relinchar em agonia. Takeshi caiu no chão, gemendo de dor, e se arrastou até uma árvore próxima, buscando abrigo.

— Venha me enfrentar em um duelo cara-a-cara, seu covarde! — gritou Takeshi, sua voz carregada de uma determinação feroz, enquanto tentava ignorar a dor que quase o paralisava.

— Eu vim para isso, meu jovem. — uma voz respondeu das sombras, carregada de uma calma calculada. — Abaixem as armas e deixem ele comigo.

Takeshi levantou a cabeça e viu três arqueiros nas montanhas, suas figuras escuras e imponentes. Dois homens avançaram na direção

| KATANA

dele, suas expressões revelando um interesse muito além do simples roubo.

— Vocês vieram pela espada. — disse Takeshi, seus olhos estreitados com uma mistura de raiva e determinação.

— Você é perspicaz, rapaz. O xogum colocou uma grande recompensa em sua cabeça e uma ainda maior para quem trouxer a katana que você roubou. — explicou o homem à frente, sua barba esbelta e cicatrizes no rosto denunciando uma vida de combate e brutalidade.

— Me enfrente em uma batalha justa. Se eu ganhar, seus amigos me deixarão ir. — desafiou Takeshi, sua voz firme e resoluta.

— Você não está em posição de negociar, garoto. Mas enfrentar a gangue Shira sozinho seria uma covardia. Creio que nem o mais forte dos samurais do xogum poderia nos derrotar. Mas eu, Hideyashi Shira, enfrentarei você em um duelo homem a homem.

— afirmou Shira, um sorriso arrogante curvando seus lábios.

Takeshi se preparou, seu corpo tenso e os sentidos aguçados. Com a katana vermelha em mãos, ele encarou o líder da gangue Shira, a tensão entre eles palpável como uma corda prestes a estourar.

| KATANA

— Que comecemos. — murmurou Shira, avançando com uma destreza calculada.

A batalha foi uma dança feroz e sangrenta. Takeshi, movido pela determinação e pela fúria, lutava com uma precisão quase sobrenatural. A katana vermelha cortava o ar com um brilho sinistro, refletindo a luz da lua em cada movimento. Shira, com sua experiência e força, mostrou-se um adversário formidável. Golpes e contragolpes ressoavam na noite, as espadas se encontrando com o som de aço contra aço, faíscas voando a cada choque.

Finalmente, Takeshi encontrou uma abertura. Com um golpe rápido e decisivo, desarmou Shira. O líder da gangue caiu de joelhos, o olhar ainda desafiador, mas a força vital rapidamente se esvaindo.

— Você é forte, garoto..., Mas isso ainda não acabou. — disse Shira, sua voz um sussurro de desprezo antes de sucumbir aos ferimentos.

Takeshi, ainda ofegante e exausto, mal teve tempo para se recuperar. O resto do grupo de bandoleiros avançou sobre ele, usando as árvores e a escuridão como cobertura. Um bandido de grande porte, imponente e ameaçador, avançou com uma força

| KATANA

bruta. Takeshi não se deixou intimidar. Com um movimento ágil, ele lançou o gigante contra uma árvore e perfurou seu abdômen com a katana.

— A força dessa espada... — pensou Takeshi, sentindo a energia e a força fluindo através dela.

Com uma nova chuva de flechas vindo em sua direção, Takeshi usou o corpo do gigante como escudo e avançou em direção a um arqueiro. Com precisão letal, amputou os braços do arqueiro e pegou o arco e a aljava. Embora sua mira não fosse das melhores, acertou um atirador antes de ser surpreendido pelos três rônins da pousada, que avançavam em alta velocidade.

Takeshi, em um movimento sofisticado, cortou o pescoço de um cavalo, fazendo-o cair sobre seu cavaleiro. Mas os tiros de flechas não cessavam. Cercado e encurralado, Takeshi olhou para a katana coberta de sangue, que parecia brilhar ainda mais em sua imaginação.

— É agora ou nunca. — murmurou para si mesmo, sentindo uma fúria crescente.

Com um grito de guerra, Takeshi entrou em um estado de fúria e enfrentou os três rônins sozinho. Suas habilidades, afiadas pela

| KATANA

determinação e pelo desejo de vingança, transformaram-no em uma tempestade de aço e sangue.

Cada movimento de Takeshi era um estudo de precisão, uma sinfonia de aço e determinação. A katana vermelha cortava o ar com uma eficácia quase sobrenatural, suas lâminas dançando com uma graça letal. Cada golpe era mortal, cada desvio uma demonstração de habilidade refinada. O brilho da lâmina refletia a luz das chamas próximas, criando um espetáculo de cores e sombras que parecia quase mágico.

Os rônins, apesar de seu número e força bruta, eram como marionetes contra a tempestade implacável que Takeshi se tornara. Um a um, foram caindo. O primeiro, um homem corpulento com uma cicatriz que cruzava seu rosto, tentou um golpe vertical com uma força descomunal, mas Takeshi desviou com uma agilidade surpreendente e respondeu com um corte diagonal que o fez tombar sem chance de se defender.

O segundo rônin, mais ágil e rápido, tentou cercar Takeshi com uma série de ataques rápidos e imprevisíveis. Takeshi, porém, movia-se como um predador, antecipando cada movimento com uma precisão quase sobrenatural. Ele bloqueou os golpes com uma fluidez que parecia estar em sintonia com o ritmo do

| KATANA

combate, respondendo com cortes estratégicos que encontraram pontos vulneráveis no adversário, fazendo-o cair com um grito abafado.

O terceiro, um homem de estatura média com uma expressão de desdém, tentou intimidar Takeshi com um olhar desafiador e uma série de ataques furiosos. Takeshi, entretanto, estava além do medo e da dúvida. Ele sabia que sua vingança era mais do que uma simples batalha; era uma missão sagrada. Com um movimento final, ele desarmou o rōnin e o derrubou com um golpe preciso na coxa, deixando-o para sofrer sob o olhar impiedoso da lua.

Quando o último dos rōnins caiu ao chão, o campo de batalha ficou em silêncio, exceto pelo som distante do vento e das chamas crepitantes. Takeshi estava exausto, suas roupas ensanguentadas e a katana coberta de vestígios de combate. Cada respiração era um esforço, cada movimento um teste de sua resistência. Contudo, a vitória não trouxe alívio imediato. O peso da luta e a consciência de que a jornada estava longe de acabar permaneciam em sua mente.

Ele olhou ao redor, o campo de batalha agora um mar de corpos e escombros. O crepúsculo começava a se desvanecer, dando

| KATANA

lugar à escuridão da noite. Takeshi sentia uma mistura de exaustão e satisfação. A batalha era uma afirmação de sua força, mas também um lembrete da estrada árdua que ainda tinha pela frente.

Com a katana vermelha em mãos, Takeshi se levantou e limpou a lâmina com um pano que encontrou entre os escombros. Cada golpe da batalha, cada gota de sangue na espada, era um passo mais próximo de sua vingança. Ele sabia que a jornada até Yonezawa seria cheia de desafios e perigos, mas estava determinado a seguir em frente.

O vento noturno carregava consigo um frio cortante, mas Takeshi não se importava. Ele ajustou o cinto da katana, sentiu o peso da lâmina e a conexão quase mística que ela proporcionava. Era como se a espada, por sua própria natureza, estivesse guiando-o em sua busca, fazendo-o sentir uma presença invisível, mas protetora, ao seu lado.

Enquanto se afastava do campo de batalha, Takeshi olhou para o horizonte, onde as montanhas de Yonezawa se erguiam como um desafio imponente. Cada passo que dava o aproximava de seu objetivo final, e ele sabia que a verdade sobre a morte de sua família estava ao seu alcance. A determinação em seus olhos era

| KATANA

inabalável; o juramento de vingança, uma chama eterna que iluminava seu caminho.

Com a katana vermelha brilhando sob a luz da lua e o vento soprando em seu rosto, Takeshi continuou sua jornada, sabendo que enfrentaria qualquer obstáculo que surgisse em seu caminho. A vingança estava ao seu alcance, e ele não descansaria até que sua missão estivesse completa.

CAPÍTULO 2

1600, Vila de Kōriyama

Após meses de uma jornada árdua, Takeshi finalmente chegou à vila de Kōriyama. Seu corpo estava marcado por cicatrizes e exaustão, mas sua determinação era inabalável. As ruas, uma combinação de casas modestas e comércios vibrantes, ofereciam uma sensação de normalidade que contrastava fortemente com o tumulto interno de Takeshi.

Enquanto caminhava pelas ruas estreitas, seus olhos captaram um panfleto preso em uma das paredes. O desenho que estampava seu rosto era um lembrete cruel de sua condição atual.

— Estão me caçando... — murmurou Takeshi, puxando o papel da parede com um gesto brusco e o amassando em suas mãos.

Sabendo que precisava se ocultar, Takeshi comprou um chapéu de palha na primeira loja que encontrou, tentando disfarçar sua aparência. A katana permanecia escondida sob seu gi, mas o som de uma conversa próxima fez com que sua atenção se voltasse para um grupo de samurais e rōnins em uma esquina.

| KATANA

— Estamos procurando esse homem, vivo ou morto, por uma boa quantia de ryōs. — disse um samurai, mostrando o panfleto com uma expressão de determinação.

— Esse cara parece forte, poderia ser uma chance de testar minhas habilidades e ainda ganhar uma bolsa cheia de ryōs. — respondeu um jovem rōnin com um sorriso atrevido, ajustando a espada na cintura.

— Eu ouvi dizer que ele aniquilou a Gangue Shira... Aqueles rōnins estavam sendo procurados por mais de uma década. Se você o encontrar, informe ao xogum. Não acho que um moleque como você tenha chances contra ele. — alertou o samurai, com um tom de preocupação.

— A época de ouro dos samurais já passou. Muitos rōnins são mais fortes do que vocês, e eu sou um deles. Agora, se me der licença, tenho uma caça para iniciar. — retrucou o jovem rōnin, com uma confiança impertinente.

Takeshi se afastou rapidamente, ciente de que a vila estava repleta de caçadores de recompensas e samurais. Com a ameaça crescente, decidiu buscar refúgio na floresta próxima, onde poderia usar seu conhecimento do terreno a seu favor.

| KATANA

— Parece que essa katana realmente atraiu a atenção de Tokugawa Ieyasu. Ele está disposto a pagar uma fortuna para recuperá-la... — pensou Takeshi, adentrando a floresta silenciosamente, a sombra das árvores fornecendo uma breve sensação de alívio.

Enquanto caminhava pela floresta, sua mente estava pesada com dúvidas e reflexões. Será que valia a pena arriscar tanto pela vingança? Seus pensamentos foram abruptamente interrompidos quando dois rônins surgiram à sua frente, suas silhuetas se destacando entre a vegetação densa.

— Então é você! Pelo que o mestre falou, pensei que seria mais imponente... — comentou um dos rônins com um sorriso desdenhoso.

— O mestre advertiu que ele é perigoso. Não o subestime. — alertou o outro, com uma expressão de seriedade.

— Eu não pretendo matar vocês. E o mestre de vocês não deve saber muito sobre mim para ficar espalhando rumores. — disse Takeshi, puxando a katana de forma calculada.

| KATANA

— Ah, o mestre sabe bem o que está dizendo. Mas vamos acabar logo com isso. — disse o rônin sorridente, sacando sua katana com um movimento ágil.

Takeshi, com a katana em mãos, se preparou para o confronto. O rônin sorridente, identificado como Ono Yamato, avançou com uma série de ataques rápidos e impiedosos. Takeshi desviou-se dos golpes com uma precisão acentuada, sua habilidade evidenciando-se a cada movimento.

— Pare agora, Yamato! Ele está além da nossa capacidade. — gritou Ono Tadaaki, o irmão mais velho, tentando intervir.

Mas Yamato estava determinado a provar seu valor e ignorou o aviso. A batalha entre Takeshi e Yamato foi intensa e brutal. Yamato atacava com ferocidade, mas Takeshi se manteve firme, cada movimento calculado e mortal. Finalmente, com um golpe preciso, Takeshi derrubou Yamato no chão.

— Deixe-me lutar contra seu irmão e fique fora disso, jov... — pediu Takeshi, apontando a katana para Tadaaki, que estava claramente furioso.

Com um grito de raiva e dor, Yamato se lançou contra Takeshi, mas foi a katana de Takeshi que encontrou o alvo. O jovem rônin caiu,

| KATANA

cuspidando sangue, e Takeshi sentiu uma pontada de melancolia ao ver o rosto de Yamato contorcido em dor.

Tadaaki, devastado pelo estado de seu irmão, olhou para Takeshi com olhos cheios de ódio e desespero.

— Não! Seu tolo, eu te disse para não ir... — lamentou Tadaaki, a voz quebrada pela dor e tristeza.

A batalha entre Takeshi e Tadaaki foi um duelo frenético. Tadaaki atacava com uma fúria descontrolada, e Takeshi se defendia com uma precisão implacável. O som das lâminas se chocando ecoava pela floresta, cada golpe transmitindo a violência e o desespero dos combatentes.

Finalmente, Takeshi encontrou uma abertura. Com um movimento certo, ele desarmou Tadaaki e desferiu um golpe final. Tadaaki caiu, olhando para o ferimento com uma expressão de dor suprema.

— Que ele tenha piedade de sua alma. — disse Tadaaki, com um último suspiro de dor, antes de cair ao lado do irmão.

Takeshi ficou imóvel, o peso da batalha e a consciência de ter causado sofrimento semelhante ao que sofreu estavam presentes

| KATANA

em cada fibra de seu ser. O remorso e a tristeza eram palpáveis, e ele percebeu que sua vingança estava consumindo seus valores e sua humanidade.

O som de tochas se aproximando trouxe Takeshi de volta à realidade. Ele olhou para trás e viu os samurais do xogum se aproximando, suas vozes se misturando com o som do vento na floresta.

— Era dali que vinha o barulho! — gritou uma voz entre as tochas.

Takeshi, com um último olhar para os irmãos Ono e para a cena de devastação, fugiu para o interior da floresta, seu coração pesado e a mente tumultuada.

1600, Lago Inawashiro

Ao amanhecer, Takeshi estava sentado à beira do Lago Inawashiro, lançando sua isca nas águas tranquilas. O reflexo da luz do sol sobre a água parecia trazer um momento de paz que contrastava com a agitação da noite anterior. Seus pensamentos estavam perturbados pela dor e pelo arrependimento, mas ele continuava a pescar, tentando encontrar um pouco de clareza.

Após pegar alguns peixes, ele deixou-os assando na fogueira e foi procurar mais lenha. Quando voltou, encontrou um dos peixes já devorado. As pegadas próximas eram evidências de que alguém havia estado ali recentemente.

— Não pode mais dividir um peixe? Sabia que é bem difícil pescar com apenas um braço? — disse uma voz rouca, carregada de familiaridade.

Takeshi virou-se e viu um homem sentado em uma pedra, observando-o com um olhar que misturava ironia e afeto. Era Itō Ittōsai, seu antigo mestre, que apareceu de repente em sua vida novamente.

Takeshi e Ittōsai estavam frente a frente na clareira iluminada apenas pela luz do amanhecer que filtrava através das árvores. O

ambiente estava carregado com o peso das palavras não ditas e da dor compartilhada. O odor de sangue e o som dos peixes crepitando na fogueira eram um lembrete sombrio da luta que estava por vir.

— Não acredito! Como me encontrou aqui? — exclamou Takeshi, seus olhos arregalados de surpresa e alívio. — Eu realmente preciso de sua ajuda. Enfrentei dificuldades e preciso de um guia para sair dessa enrascada.

— Meu jovem, eu já sei de tudo. Você não me escutou e acabou se tornando inimigo do xogum, roubando sua principal arma. Não o ensinei a roubar, mas a seguir o código Bushidô. — respondeu Ittōsai, seu olhar um misto de desapontamento e cansaço.

— Eu não roubei nada! Mas admito que me perdi na vingança. Acredito que com essa espada posso descobrir o que Uesugi Kagekatsu tem a ver com a morte de minha família. — argumentou Takeshi, a frustração evidente em sua voz.

— Soube que você estava causando problemas significativos, perturbando a ordem do Japão. Sei o quão poderoso você é, e a única pessoa que poderia derrotá-lo sou eu. Mas com apenas um braço, não tenho vantagem. Estou pedindo para se render e

| KATANA

entregar a katana ao xogum. — explicou Ittōsai, com um olhar de resignação.

— Não sei o que falam de mim, mas apenas derrotei um samurai em duelo justo e acabei com uma gangue de bandoleiros. Não estou causando problemas a inocentes, apenas seguindo minha jornada e enfrentando quem entra no meu caminho. — disse Takeshi, enfurecido, sua voz carregada de emoção.

— Enviei dois dos meus melhores aprendizes para derrotá-lo. — Ittōsai exclamou, a voz carregada de raiva e frustração. — Rapazes honrados que morreram tentando abrir a escola Ittō-ryu. Já basta de sua arrogância!

O mestre sacou sua katana com um movimento ágil, seu olhar fixo em Takeshi, que sentiu o peso das palavras de Ittōsai como uma lâmina cortante.

— Então era você! Por isso sabiam que eu estava na floresta... — gritou Takeshi, a fúria e a dor distorcendo seu rosto. — Você quer me matar para abrir sua escola e engrandecer seu nome! Eles morreram por sua culpa!

| KATANA

A acusação de Takeshi reverberou entre as árvores, um lamento de injustiça e fúria. Ittōsai, com o rosto marcado pela determinação e o pesar, levantou sua katana.

— Eu te criei, agora vou te destruir! — bradou Ittōsai, sua voz era um rugido de tempestade. A batalha começou.

Mesmo com um braço, a habilidade de Ittōsai era formidável. Cada golpe que ele desferia era uma expressão de seu treinamento impecável, um contraste brutal com sua limitação física. Takeshi, com a adrenalina pulsando em suas veias, lutava com uma intensidade quase animal. Seus movimentos eram rápidos, mas imbuídos de uma força desesperada.

Os golpes de Ittōsai eram meticulosamente calculados, sua katana cortava o ar com um som cortante. Takeshi desviava-se com dificuldade, sua visão começava a embaçar devido ao esforço e ao sangue que escorria de um ferimento no rosto.

O duelo prosseguia, uma dança mortal entre mestre e aprendiz. As lâminas colidiam com um clangor ensurdecido, e o suor e o sangue misturavam-se no solo. O ambiente ao redor estava mergulhado em uma tensão palpável, e a luta parecia estender-se por horas, embora o tempo parecesse relativo para ambos.

| KATANA

— Eu não queria causar tudo isso. — Takeshi gritou, tentando encontrar algum resquício de razão no caos. — Perdi a cabeça e tudo me trouxe aqui. Mas preciso saber o que aconteceu na minha infância, por que o senhor feudal mandou matar minha família...

O som de passos e vozes distantes cortou a atmosfera carregada. Ittōsai sorriu amargamente, uma risada seca escapando de seus lábios enquanto lutava para manter a força.

— Eles te acharam. Encontraram os corpos dos irmãos Ono e sabiam que viria pela floresta... — disse Ittōsai, sua voz carregada de um humor sombrio. — Vim atrás de você por dinheiro. Queria abrir minha escola e pensei que valeria o sacrifício. Estava enganado. Agora vejo que não ganharei a recompensa. Vá e viva sua vida. Lembre-se, a vingança não trará sua família de volta.

O coração de Takeshi estava pesado com uma nova camada de culpa e tristeza. Ele hesitou, o desejo de ficar e lutar ao lado de Ittōsai lutava contra o impulso de seguir em frente.

— Fico com você, podemos lutar juntos... — começou Takeshi, sua voz carregada de desespero.

| KATANA

— Não podemos. Estamos muito cansados e feridos. Vá, eu ganharei tempo. Boa sorte, garoto. — Ittōsai disse, aceitando seu destino com uma dignidade triste.

A declaração de Ittōsai fez o peso do mundo parecer cair sobre os ombros de Takeshi. A batalha havia terminado, mas a dor e o arrependimento persistiam. Com um último olhar para o homem que havia sido seu mentor, Takeshi fugiu, a mente turvada e o coração pesado. A luz da manhã começava a se dispersar através das árvores, e o som distante de uma batalha indicava que o tempo estava se esgotando. Takeshi, agora com a visão parcial devido ao ferimento, correu na direção de Yonezawa, um destino incerto e uma nova determinação na mente.

Enquanto corria pela floresta, o som dos passos atrás dele tornou-se mais claro, um lembrete cruel de que sua jornada estava longe de terminar. Com um último olhar para trás, Takeshi refletiu sobre o peso das escolhas feitas e a dor infligida, prometendo a si mesmo que sua luta não seria em vão.

— Não será em vão. — murmurou para si mesmo, a voz carregada de uma mistura de determinação e tristeza.

| KATANA

1600, Yonezawa

Depois de meses de uma jornada implacável, Takeshi finalmente se aproximou das muralhas de Yonezawa. A cidade estava à vista, mas a estrada para chegar ali havia sido um caminho de dor e sacrifícios. Seu corpo, marcado por cicatrizes e um ferimento recente, revelava o peso dos combates e do desgaste. A faixa que cobria seu olho direito, resultado de sua luta com Itō Ittōsai, era um lembrete constante de seus desafios.

Os passos de Takeshi eram pesados, e cada movimento parecia um esforço hercúleo. Enquanto caminhava, um som súbito interrompeu o silêncio da floresta. Uma pedra cortou o ar e atingiu sua katana com um impacto metálico, ecoando pela clareira. Takeshi se virou com uma agilidade inesperada, o olhar sombrio e a postura de combate instintiva.

Diante dele estava o jovem samurai que havia visto em Kōriyama, um sorriso presunçoso no rosto. Seu nome era Shishido Baiken, e ele parecia mais confiante do que nunca.

— Belos reflexos! Então era você mesmo que eu procurava... — Baiken comentou, sua voz carregada de um tom desafiador.

| KATANA

— Então você me alcançou... — Takeshi respondeu, a voz rouca e cansada, mas carregada de uma determinação inabalável.

— Nossa, você está acabado. — Baiken observou com um tom de desprezo. — Pensei que finalmente tinha encontrado um oponente à minha altura. Não se preocupe, vou te dar uma morte digna.

— Não se engane. Eu ainda posso lutar. — Takeshi respondeu, sua voz agora firme apesar do cansaço. — Vamos acabar logo com isso.

Baiken se preparou para o duelo com um sorriso de triunfo. Ele desenhrou sua katana com uma precisão que revelava seu treinamento rigoroso.

— Você pode se orgulhar, será morto por Shishido Baiken. Meu nome será conhecido pelo mundo inteiro como o mais forte samurai de todos os tempos. — afirmou Baiken, seus olhos brilhando com ambição.

— Você é igual a ele... — comentou Takeshi, a memória de seu mestre Itō Ittōsai trazendo um peso adicional à sua mente.

| KATANA

O confronto que se seguiu foi um espetáculo de técnica e força. As lâminas se chocavam com um som metálico, e cada movimento era uma combinação perfeita de velocidade e precisão. O chão ao redor dos combatentes estava rapidamente coberto de folhas e galhos quebrados, uma testemunha silenciosa do embate.

Takeshi, mesmo debilitado, demonstrava uma habilidade quase sobre-humana. Seus movimentos eram uma dança de resistência e técnica refinada. Baiken, por outro lado, parecia um vendaval de ataques rápidos e furiosos, sua katana cortando o ar com uma fúria controlada.

Os golpes se sucediam em um ritmo frenético. Takeshi, com uma agilidade surpreendente, conseguiu desviar de um ataque mortal e, com um movimento hábil, cortou uma das orelhas de Baiken, um aviso claro de sua intenção. Baiken recuou momentaneamente, o rosto distorcido de dor e surpresa. Aproveitando a abertura, Takeshi desferiu um corte profundo nas costas de seu oponente.

Baiken caiu de joelhos, respirando com dificuldade. A expressão arrogante foi substituída por um olhar de resignação.

— Acabe com isso. — Baiken pediu, a voz enfraquecida. — Não há mais nada que eu possa fazer.

| KATANA

Takeshi observou o jovem samurai caído com um misto de compaixão e frustração. A batalha havia sido feroz, mas o desejo de vingança parecia estar se dissipando à medida que enfrentava o sofrimento do outro.

— Não vou te matar. — Takeshi disse, a voz decidida, mas carregada de uma tristeza contida. — Deixo que o destino decida seu fim.

Virando-se, Takeshi começou a se afastar. Ele sabia que o tempo estava se esgotando e que ainda havia uma missão a cumprir em Yonezawa. O som do combate e o cheiro do sangue pareciam se desvanecer atrás dele, enquanto seus passos o guiavam para o próximo capítulo de sua jornada.

Baiken, ainda caído e sem forças, observou a figura de Takeshi desaparecer na distância. Sua mente estava consumida por pensamentos sobre sua própria ambição e o preço que pagara por ela.

Com uma última olhada para trás, Takeshi se perdeu na floresta, a imagem de Baiken e a luta recém-concluída se misturando com as sombras ao seu redor.

A jornada ainda não havia terminado, e o caminho para a verdade em Yonezawa estava à sua frente.

CAPÍTULO 3

1600, Yonezawa

Takeshi chegou a Yonezawa com a sensação de que a cidade, embora familiar, parecia agora um labirinto de memórias e traumas. O sol estava se pondo, lançando um brilho dourado sobre as muralhas da cidade, um contraste cruel com o estado deplorável em que Takeshi se encontrava. Suas roupas estavam rasgadas e ensanguentadas, e o olhar de seu único olho visível era uma combinação de cansaço e determinação feroz.

A estrada que leva ao Templo Uesugi parecia interminável. Takeshi mal conseguia manter o ritmo enquanto caminhava, mas a visão do templo, um símbolo de poder e prestígio, acendeu uma chama de esperança e resolução em seu coração. Ele havia atravessado terras e enfrentado inúmeros desafios para chegar até ali, e não permitiria que nada o detivesse agora.

Os guardas do templo, atentos à aproximação de um visitante, ficaram perplexos ao ver o estado de Takeshi. Quando ele se aproximou, a expressão de surpresa e preocupação nos rostos dos guardas era evidente.

| KATANA

— Eu vim falar com o daimyō Uesugi Kagekatsu... — anunciou Takeshi, sua voz rouca e carregada de uma mistura de exaustão e urgência.

Um dos guardas, um homem corpulento com uma cicatriz na bochecha, olhou para Takeshi com desconfiança e curiosidade.

— O que aconteceu com você? E o que você tem a dizer ao senhor Kagekatsu que justifica seu estado deplorável? — perguntou o guarda, franzindo a testa.

— Isso... — Takeshi respondeu com dificuldade, levantando sua katana ensanguentada. O metal cintilou na luz do entardecer, refletindo as sombras das árvores e do templo.

A visão da katana, com seu brilho inconfundível e seu legado histórico, fez com que os guardas trocassem olhares preocupados e respeitosos. Sem mais palavras, eles conduziram Takeshi até o salão onde o daimyō Kagekatsu estava. Ao entrar, Takeshi encontrou Kagekatsu conversando com um jovem, interrompendo o diálogo quando o visitante inesperado fez sua entrada.

Kagekatsu, um homem de idade com uma presença imponente e uma expressão séria, levantou os olhos para Takeshi. O jovem ao

| KATANA

seu lado, um rapaz de feições afiadas e um olhar curioso, também se virou para encarar o recém-chegado.

— Me perdoe, senhor, mas este assunto é urgente. — um dos guardas disse, interrompendo a conversa e gesticulando para Takeshi.

— Do que se trata? — Kagekatsu perguntou, sua voz profunda e carregada de autoridade. — E por que este homem está em tais condições?

Takeshi se aproximou, sua mente um turbilhão de emoções e pensamentos, enquanto sacava a katana com um gesto lento, quase reverente.

— Eu vim descobrir o que esta katana tem a ver com vocês... — disse Takeshi, a tensão em sua voz evidente.

Kagekatsu olhou para a katana com uma mistura de surpresa e inquietação. Seus olhos se arregalaram ao reconhecer a arma.

— Não é possível... — murmurou ele, o tom de sua voz mudando drasticamente. — A katana de Uesugi Kenshin, o Deus da Guerra... Rapaz, como a encontrou?

| KATANA

— Eu a encontrei em Edo, com um jovem que a havia roubado das posses do xogum. — explicou Takeshi, a voz carregada de uma frustração crescente.

— Esta é a Katana Escarlate. Meu pai usou-a em várias batalhas, e havia histórias sobre seu poder e maldição. Foi roubada pelo rival de meu pai, Takeda Shingen, há muito tempo. O clã Takeda deve ter a entregado ao xogum para melhorar sua posição. — Kagekatsu disse, seu olhar carregado de reminiscências.

O jovem ao lado de Kagekatsu, visivelmente surpreso, se inclinou para frente, seu rosto revelando uma mistura de choque e compreensão.

— Pai, será que era Sadakatsu? — perguntou ele, sua voz trêmula.

— Aquele menino teimoso! — Kagekatsu exclamou, um tom de desapontamento em sua voz. — Com certeza, ao ver a katana de seu avô, ele não pôde se conter.

— Pai, ele foi até o xogum para fortalecer nossa aliança e acaba roubando a katana? — o jovem continuou, sua voz carregada de incredulidade.

| KATANA

— Ele deve estar se escondendo agora. Você sabe o problema que isso trouxe para nossa família. — disse Kagekatsu, com uma nota de desaprovação em seu tom.

— Ele está morto! — afirmou Takeshi, sua voz fria e desprovida de emoção.

O salão mergulhou em um silêncio profundo e opressivo. Kagekatsu se sentou, o peso das palavras de Takeshi caindo sobre ele como uma pesada cortina de sombra. Seu filho olhava fixamente para o chão, em choque.

— Muito obrigado, jovem, por ter completado a jornada de meu filho... — Kagekatsu finalmente falou, sua voz carregada de tristeza. — Nagao, recompense este homem e cuide de seus ferimentos. Tentarei chegar a um acordo com o xogum...

— Não! Eu exijo respostas... — Takeshi interrompeu, a frustração e a dor em sua voz se tornando quase palpáveis.

— Sobre o quê? — perguntou Kagekatsu, levantando-se da cadeira com uma expressão preocupada.

| KATANA

— O que você sabe sobre o assassinato de um casal e seu filho aqui em Yonezawa há dezoito anos? — Takeshi questionou, sua voz cheia de uma determinação feroz.

Todos no salão observavam atentamente, suas expressões variando entre apreensão e curiosidade. A tensão no ambiente era palpável.

— Como você está envolvido nisso... Eu ouvi os assassinos mencionarem seu nome no dia em que mataram minha família. — Takeshi revelou, seus olhos fixos em Kagekatsu.

Kagekatsu ficou visivelmente agitado, sua expressão mudando para uma mistura de medo e culpa.

— Me... Me perdoe, jovem. Eu... Eu não sei do que você está falando. — disse o daimyō, sua voz tremendo de angústia.

— Foi você, não foi? Você matou meus pais e meu irmão... Eu vivi todos esses anos imaginando esse momento. — Takeshi disse, sua voz cheia de dor e raiva. Sem hesitar, ele nocauteou rapidamente os dois samurais que o escoltavam, o som dos corpos caindo no chão ecoando no salão.

| KATANA

— Você está louco! Meu pai nunca faria algo assim! — gritou o outro filho de Kagekatsu, sacando sua katana com uma expressão de fúria.

— Não... Ele está certo... — comentou Kagekatsu, surpreendendo a todos com sua voz serena e abatida. — Eu era muito jovem quando me envolvi com uma bela moça. Meses depois, soube que ela tinha dado à luz a um filho. Sabia que era meu, mas naquela época, ignorei. Anos depois, quando me casei com Kikuhime, sabia que um filho primogênito fora do casamento poderia ameaçar minha linhagem, então enviei soldados de minha confiança para matar a mulher e seu filho.

— Mas... Meu irmão não podia ser seu filho... — Takeshi murmurou, encaixando as peças do quebra-cabeça.

— Então... Você é... — disse o daimyō, o choque visível em seu rosto ao perceber que seu filho mais velho estava agora diante dele.

Takeshi ficou espantado por alguns segundos. As revelações mudaram sua percepção da situação, e seu olhar, que antes estava cheio de raiva, agora estava cheio de uma intensidade renovada.

| KATANA

Ele avançou para atacar Kagekatsu, mas foi interrompido por seu irmão, Uesugi Harunori.

— Você não irá fazer nada contra meu pai e minha família! — Harunori afirmou, sua voz firme e desafiadora.

Os dois irmãos se enfrentaram em um duelo intenso. A luta entre Takeshi e Harunori foi feroz, cada golpe e bloqueio revelando a habilidade e o treinamento de ambos. Takeshi, movido pela urgência e pela verdade recém-revelada, lutava com uma força implacável. Finalmente, Takeshi nocauteou Harunori com um movimento preciso e decisivo.

— Você nunca sairá daqui vivo! — Kagekatsu gritou, sua voz carregada de fúria e medo.

— Você muito menos... — Takeshi respondeu, sua voz fria e resoluta, enquanto se preparava para a batalha final.

A luta entre Takeshi e Kagekatsu foi uma demonstração épica de habilidades e determinação. Cada golpe era preciso e mortal, e o salão ecoava com o som das lâminas se chocando. Kagekatsu, apesar da idade e das feridas, demonstrava a habilidade e o domínio que o haviam feito um líder temido. Takeshi, impulsionado pela dor e pela necessidade de justiça, lutava com

| KATANA

uma ferocidade renovada. Kagekatsu, apesar da idade, demonstrava a habilidade que o tornara um líder temido. A batalha se intensificava, cada movimento calculado e mortal.

A cena final no salão do Templo Uesugi era um retrato sombrio e angustiante de desespero e resolução. Takeshi, coberto de suor e sangue, parecia uma figura de lenda, o peso de sua jornada visível em cada movimento. A katana de Uesugi Kenshin, agora manchada com o sangue do próprio daimyō, tremia nas mãos de Takeshi. Ele havia desarmado Kagekatsu com uma precisão mortal e o derrubado no chão, sua espada apontada para o coração do homem que havia destruído sua família.

Kagekatsu estava ajoelhado diante de Takeshi, sua postura derrotada e seus olhos cheios de medo e dor. O brilho da katana refletia na expressão desesperada do daimyō, que parecia estar pesando suas últimas palavras com um peso de culpa e arrependimento.

— Vou arrancar seu coração... Assim como fez comigo. — afirmou Takeshi, sua voz gélida e carregada de uma determinação feroz. A lâmina da katana se movia lentamente em direção ao corpo de Kagekatsu, cravando-se na carne com um som cruel.

| KATANA

Kagekatsu soltou um gemido de dor e sua voz falhou em sua tentativa de maldição. — Amaldiçoado seja sua alma! Se eu soubesse que você se tornaria um monstro, teria matado você pessoalmente...

Takeshi não respondeu. Com um movimento firme, ele deu o golpe final. A katana penetrou profundamente, selando o destino de seu pai. O corpo de Kagekatsu tremeu e depois ficou imóvel, a vida se esvaindo de seus olhos enquanto Takeshi permanecia de pé, a respiração pesada e a mente inundada por uma tempestade de emoções conflitantes.

— Isto é pela minha família... e por tudo que você me tirou. — murmurou Takeshi, sua voz fria e resoluta. Ele se afastou lentamente, observando a cena de destruição e morte que havia causado.

Com a vingança finalmente consumada, Takeshi sentiu o peso de sua jornada pesar sobre seus ombros. O vazio deixado pela morte de seus entes queridos e o custo da sua própria vingança se manifestavam em sua postura cansada e derrotada. Embora houvesse feito justiça, sabia que isso não traria sua família de volta. O clã Uesugi estava arruinado, e a única coisa que restava eram os lamentos e a dor.

| KATANA

Ao sair do salão, Takeshi foi recebido por uma tempestade furiosa que parecia refletir sua própria turbulência interna. As gotas de chuva caíam pesadas, misturando-se com o sangue que ainda cobria o chão. Sete samurais Uesugi, liderados por Harunori e os dois samurais que Takeshi havia nocauteado anteriormente, avançavam em direção ao salão.

— O daimyō está morto! Ele assassinou Uesugi Kagekatsu! — gritou Harunori, sua voz carregada de uma mistura de tristeza e raiva.

— Ele não sairá impune! Matem-no! — ordenou Nagao, o samurai mais leal ao clã, com um tom de fúria e determinação.

Takeshi sabia que não tinha mais alternativas. Sua única opção era lutar. Ele se preparou para a batalha, sua katana ainda ensanguentada em sua mão firme. A tempestade parecia intensificar o caos à sua volta, e os samurais Uesugi avançaram com uma ferocidade implacável.

A batalha que se seguiu foi uma das mais intensas da vida de Takeshi. Os dez samurais Uesugi, unidos pela fúria e pela lealdade ao clã, atacaram com uma sincronia mortal. Takeshi lutava com uma energia desesperada, cada movimento de sua katana um

grito silencioso para sua família perdida. A luta foi um turbilhão de aço e sangue, com Takeshi enfrentando seus adversários com uma ferocidade que parecia quase sobrenatural.

Apesar de estar gravemente ferido, Takeshi conseguiu derrubar um a um os samurais. O som das lâminas se chocando, os gritos de batalha e o tilintar das espadas ecoavam pela floresta enquanto a noite avançava. Horas se passaram, e o extenuante confronto parecia não ter fim. Finalmente, exausto e sangrando, Takeshi caiu de joelhos no meio dos corpos de seus adversários.

Seu braço esquerdo estava perdido, o sangue escorrendo pelo chão da floresta onde ele havia crescido. A dor era intensa e sua visão estava turva. O campo de batalha, agora um cemitério de guerrilheiros, era iluminado apenas pela luz da tempestade e pelos relâmpagos distantes.

Enquanto a chuva lavava o sangue do chão, Takeshi refletia sobre sua jornada. Ele havia perdido sua honra, seu mestre, sua liberdade e, finalmente, seu pai. O clã Uesugi estava destruído, e isso não trouxe sua mãe e seu irmão de volta. Tudo o que restava do clã eram quatro mulheres e duas crianças, observando com olhos cheios de medo e tristeza.

| KATANA

Takeshi largou a Katana Escarlate ao lado dos corpos e se levantou com dificuldade. Ele se dirigiu para a floresta onde havia crescido, sua mente uma mistura de lembranças e arrependimentos. Cada passo era um eco do ódio que alimentara por tantos anos. Agora, compreendia que sua busca por vingança fora em vão. A única coisa que conseguira foi uma vida de arrependimentos e a promessa de uma redenção que talvez nunca chegasse.

O som de passos se aproximando trouxe Takeshi de volta à dura realidade. Ele estava cercado por samurais do xogum, suas armaduras brilhando na escuridão da noite.

— Então é assim que tudo acaba... — disse Takeshi, aceitando seu destino com uma resignação profunda.

Ele sabia que tinha duas escolhas: se suicidar ou lutar até a morte. A decisão foi rápida, e Takeshi optou por enfrentar seus últimos momentos com dignidade.

A luta final foi breve e brutal. Mesmo enfraquecido e com a vida se esvaindo, Takeshi lutou com a fúria de um homem sem nada a perder. Cada golpe que desferiu foi uma expressão de sua determinação e dor, mas estava em desvantagem. Os samurais do

xogum, bem treinados e numerosos, dominaram rapidamente a situação.

Em poucos minutos, Takeshi foi mortalmente ferido. Ele caiu no chão da floresta, o mesmo lugar onde tudo começou e onde agora terminaria. Seu último pensamento foi para sua mãe e seu irmão. Fechou os olhos, aceitando a escuridão que o envolvia. A floresta, testemunha silenciosa de sua vida e morte, o acolheu uma última vez.

Assim, a lenda de Takeshi chegou ao fim. Sua história de honra, vingança e tragédia ecoaria pelas montanhas de Yonezawa por gerações, um lembrete sombrio e poderoso do custo da busca pela justiça e da dor de uma vida marcada pelo desejo de vingança.

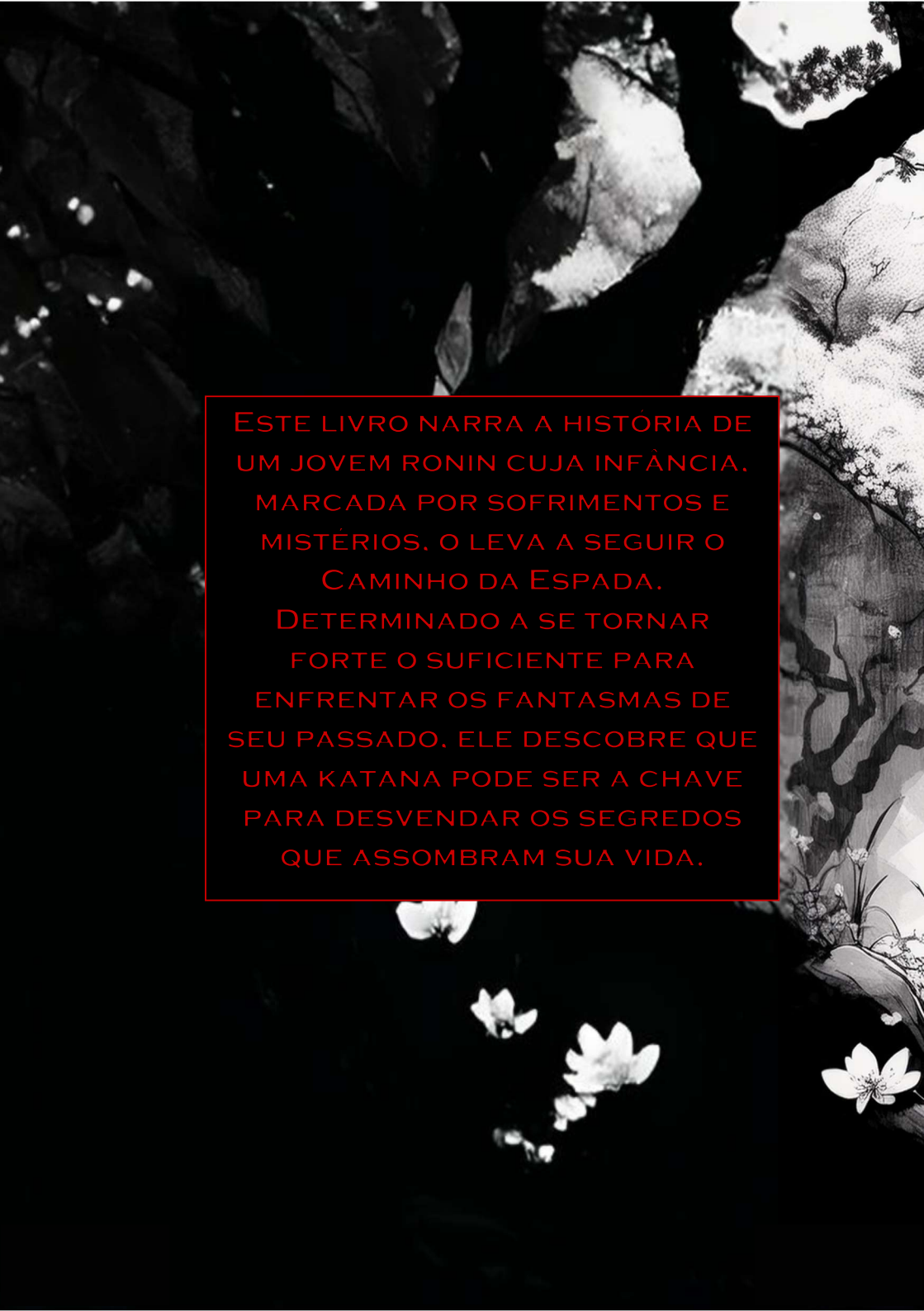
Agradecimentos

Aos leitores de "Katana",

Muito obrigado por lerem esta história. Sua companhia nesta jornada significa muito para mim. Espero que tenham apreciado cada momento.

Com gratidão,

Rodrigo Martins



ESTE LIVRO NARRA A HISTÓRIA DE
UM JOVEM RONIN CUJA INFÂNCIA,
MARCADA POR SOFRIMENTOS E
MISTÉRIOS, O LEVA A SEGUIR O
CAMINHO DA ESPADA.

DETERMINADO A SE TORNAR
FORTE O SUFICIENTE PARA
ENFRENTAR OS FANTASMAS DE
SEU PASSADO, ELE DESCOBRE QUE
UMA KATANA PODE SER A CHAVE
PARA DESVENDAR OS SEGREDOS
QUE ASSOMBRAM SUA VIDA.